

TUNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Curso de Teatro – Licenciatura



A influência dos memes na construção social: leitura e possibilidades de transformação através do Teatro do Oprimido

Régis Caetano Riveiro

Pelotas, 2018

Régis Caetano Riveiro

A influência dos memes na construção social: leitura e possibilidades de transformação através do Teatro do Oprimido

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Teatro – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial a obtenção do título de Licenciado em Teatro

Orientador: Prof. Dr. Ney Roberto Váttimo Bruck

Pelotas, 2018

RIVEIRO, Régis Caetano. **A influência dos memes na construção social: leitura e possibilidades de transformação através do Teatro do Oprimido.** Pelotas: Curso de Teatro/UFPel, 2018. Trabalho de Conclusão de Curso.

Resumo

O presente trabalho apresenta uma reflexão sobre o conceito de memética criado por Richard Dawkins, e a existência do meme enquanto unidade mínima formadora de culturas, bem como a utilização do Teatro do Oprimido como espaço para contextualizar e analisar os processos de seleção dos memes. A questão de pesquisa surgiu da indagação de como podemos aprender com experiências práticas, o conceito de ultra darwinismo, e de como este conhecimento pode estimular a consciência crítica. Sugere também a hipótese de que memes estimulam o fenômeno mental chamado por Augusto Boal de coroas refratárias. Proponho questionamentos, tais como, se podemos nos livrar da vida imitada; se poderíamos transcender essa cultura que remonta dez mil anos de história e de como se dá a replicação e seleção dos memes e, também, qual a sua cultura. É um trabalho teórico-prático com fundamentos na pesquisa qualitativa. Seu principal objetivo é relacionar memes ao teatro, tecendo conexões e utilizando a Estética do Oprimido como um terreno fértil para a leitura da realidade por meio do conhecimento da memética. A relevância deste trabalho se justifica pela proposição de teorias para o despertar da consciência por meio da relação entre arte e ciência, e pela construção de conhecimentos pertinentes à educação e ao ensino da arte.

Palavras-chave: Memética. Coroas refratárias. Teatro. Estética do Oprimido. Consciência crítica.

Abstract

The present work presents a reflection on the concept of memetics created by Richard Dawkins, and the existence of the meme as a minimum unit of cultures, as well as the use of Teatro do Oprimido (Theater of the Oppressed) as a space to contextualize and analyze the processes of selection of memes. The question of research arose from the question of how we can learn from practical experiences, the concept of ultra-Darwinism, and how this knowledge can stimulate critical awareness. It also suggests the hypothesis that memes stimulate the mental phenomenon called by Augusto Boal of refractory crowns. I propose questions, such as whether we can get rid of imitated life; if we could transcend this culture that goes back ten thousand years of history and how the replication and selection of memes takes place and also what their culture. It is a theoretical-practical work with foundations in qualitative research. Its main objective is to relate memes to the theater, weaving connections and using the Aesthetics of the Oppressed as a fertile ground for the reading of reality through the knowledge of memetics. The relevance of this work is justified by the proposition of theories for the awakening of consciousness through the relationship between art and science, and by the construction of pertinent knowledge to the education and teaching of art.

Keywords: Memetics. Refractory crowns. Theater. Aesthetics of the Oppressed. Critical awareness.

Sumário

I. Juntando origens: questões pessoais e teóricas	7
II. Objetivos	14
III. Método	17
IV. O mundo pode mudar ou é utopia?	20
V. Outros mapas teóricos	21
VI. Gene: o primeiro replicador	22
VII. Meme: um novo replicador	26
VIII. Uma bússola: Augusto Boal	30
IX. TOCO: ponto de encontro e partida	38
X. Abrir caminhos: o teatro dos memes	40
X.1. Proposta 1: Recodificando os memes	41
X.2. Proposta 2: Relação de dominante entre imagens	43
XI. Considerações finais	46
XII. Manifesto	49
XIII. Referências bibliográficas	54

Mas, então, como vamos viver?

Nenhum paradigma tem condições de imaginar o paradigma seguinte. É quase impossível um paradigma imaginar que **haverá** outro um dia. As pessoas que viveram na Idade Média não achavam que estavam no “meio” de coisa nenhuma. Para eles, a forma como estavam vivendo era a forma como as pessoas viveriam para sempre. Mesmo que você conseguisse persuadi-las de que uma nova era estava prestes a chegar, elas não conseguiriam lhe dizer uma única palavra a respeito dela — e, em particular, não conseguiriam lhe dizer o que faria dela uma **nova** era. Se tivessem conseguido descrever a Renascença no século XIV, já **seria** a Renascença.

Não somos diferentes. Por mais que falemos de novos paradigmas e de paradigmas emergentes, é um pressuposto incontestável entre nós que nossos descendentes remotos serão exatamente como nós. Seus aparelhos domésticos, sua moda, sua música etc. certamente serão diferentes, mas temos certeza de que sua mentalidade será idêntica — porque não conseguimos imaginar que as pessoas possam ter nenhuma outra mentalidade. Mas, na verdade, se realmente conseguirmos sobreviver aqui, vai ser por termos entrado numa nova era, tão diferente da nossa quanto a Renascença foi da Idade Média — e tão inimaginável para nós quanto a Renascença na Idade Média.

(QUINN, 1999, p. 27)

I. Juntando origens: questões pessoais e teóricas

Este trabalho foi propositalmente escrito em primeira pessoa. Fiz esta opção de narrativa menos impessoal, porque entendo que em meu lugar de fala, a condição de autor autoriza. Por sentir-me responsável, pelas implicações como educador, e para ser coerente, com a proposta de opor-se aos memes vigentes e com a forma como entendo a obra de Boal, essa escolha assim se fez.

Aqui você verá uma breve reflexão sobre possibilidades de cruzamentos entre teatro e memética, afim de gerar caminhos para uma educação teatral que conscientize e estimule a consciência crítica. Para isso, exponho e explico em termos gerais o conceito de meme (criado por Richard Dawkins), e demonstro como ele pode dialogar com hipóteses ligadas à Estética do Oprimido. Também exemplifico com dois exercícios teatrais criados para analisar este cruzamento, como o encontro pode se dar na prática teatral. Tecendo um caminho que entrelaça pontos de minha história pessoal e de meu trajeto como educando, descrevo como cheguei a esta temática, e nas considerações finais falo sobre a importância de ser um professor aventureiro.

Durante minha vida muitas vezes me questionei se havia sentido para as coisas. Minha curiosidade me levou à procura de respostas para perguntas corriqueiras e até infantis: como vim parar aqui; porque estou aqui; o que eu sou; se há um lugar ou objetivo onde devo chegar; entre tantas outras questões filosóficas que me instigam a desafiar os limites do meu próprio entendimento. Sempre busquei ter em mente uma explicação viável para tudo – mesmo que não fosse permanente – que pudesse dar sentido ao mundo e às coisas que o compõe.

Foi aos 16 anos de idade que tive um contato aprofundado com o teatro. Coincidência, acaso ou destino, no meio das crises de adolescente, acabei me desentendendo com meu pai, e fugi de sua casa, onde eu morava há cerca de dois anos. Chegando em minha cidade natal, Santa Vitória do Palmar (SVP), me instalei na casa de um dos meus tios. Primeiramente omiti minha fuga, informando apenas que estava em período de férias escolar.

Logo na primeira semana fui convidado (convocado) a participar de oficinas de criação de cenas, que no fim de semana eram apresentadas na praia do Hermenegildo (balneário de SVP). Diferente de meus contatos anteriores com a arte do teatro, este foi extremamente prazeroso – como se costuma dizer: fui na ocasião “picado pelo bichinho do teatro”.

Neste período tive muitos aprendizados que ajudaram a me formar, não só na arte, mas como ser humano em um sentido mais amplo. Nunca esqueci de uma das coisas que meu tio dizia, e ainda diz: “todas as respostas já existem, elas estão apenas esperando o perguntador elaborar a pergunta certa”.

Hoje, depois de passados trinta e três anos de vida, recordo-me quando tinha sete anos, no início de minha vida escolar. Percebo agora trechos do meu percurso até aqui, e noto fortes estímulos que contribuíram para aguçar minha “curiosidade epistemológica¹”.

Na infância, durante meu primeiro ano na escola, entre algumas lembranças estranhas: um tombo de skate; estar fantasiado de flor no dia da árvore; umas fincadas agudas e doloridas que sentia na pele; o pensamento que qualquer “zumbido” que eu ouvisse, eram pessoas andando dentro das paredes; essas coisas de criança. Mas uma coisa diferente aconteceu comigo, que hoje considero anormal para uma criança com seis ou sete anos de idade. Habituei-me a acordar muito cedo para assistir os filmezinhos de heróis da Rede Manchete. Eram em torno de cinco horas quase ininterruptas de arte-entretenimento infantil, em grande parte japonesa no princípio, às vezes com conteúdo violento, porém na época (início dos anos 90) não havia muito controle e preocupação de minha mãe com a programação que eu e meu irmão assistíamos.

Lembro que cada filmezinho tinha enredos e motivos com apenas algumas características que o diferenciava dos outros. Embora todos tivessem um grupo de vilões que tinham algum objetivo “maléfico”, e por isso eram impedidos e combatidos pelos heróis. Em alguns casos – raros, mas existiam – um vilão queria apenas coisas simples, que sem querer prejudicava pessoas, mas seu desejo se justificava, por sua busca pessoal por felicidade ou realização. Confesso que às vezes dava uma certa

¹ Relativo ao estudo detalhado das razões, premissas e hipóteses, que buscam determinar a origem de algumas ciências, bem como determinar seu valor e propósito. (<https://www.dicio.com.br/epistemologica/> – acessado em 28/05/2018)

indignação: porque esses heróis tinham que implicar com tudo, e querer que tudo fosse perfeito?

Acho que em certa medida esses seriados infantis tiveram participação em minha educação, e minha noção de moral. Além disso – sem que eu percebesse na época eles foram minha primeira inspiração para interpretar personagens, quando junto de alguns amigos, escolhíamos qual herói cada um iria representar em nossas aventuras infantis.

Este tipo de entretenimento televisivo penso que pode ter colaborado para gerar em muitos espectadores um grande interesse pela ciência. Logo mais em minha adolescência, esse interesse se converteu em um gosto exclusivo, e talvez até exagerado, por filmes e jogos de videogame, de ficção científica e fantasia. Principalmente os de alienígenas e os pós-apocalípticos, mas também aqueles que mostravam futuros tecnológicos “utópicos” ou distópicos.

Acredito que por assistir tantos filmes desse gênero eu fiquei cada vez mais intrigado com os porquês do mundo e das coisas (das relações, entre seres humanos, e entre esses e o mundo).

Com esta minha veia de “buscador”, e com auxílio de familiares e amigos de mente aberta e sempre dispostos para diálogos acalorados e inquietantes, que nos levavam para altos níveis imaginativos, acabei tendo contato com alguns conteúdos intrigantes que desafiavam cada vez mais minha inquietação. Como por exemplo um curso de Reiki² que fiz aos 13 anos, e um curso de Gnosis³ aos 15.

Mesmo tendo esta inquietude no campo das ideias, e depois de ter assistido pilhas de filmes de ficção científica, a vida mostrou que poderia me surpreender ainda muito mais, pondo em prova tudo aquilo que eu julgava saber. Entrou o teatro na minha vida e, de repente, percebi que poderia me perguntar tudo de novo. Que cada coisa que aprendia ia me transformando no novo, e que não importava tanto chegar a

²Sistemática criada em 1922 pelo monge budista japonês Mikao Usui. Tem por base a crença na existência da energia vital universal "Ki" (a versão japonesa do conceito chinês "Qi" (ou "Chi"), manipulável através da imposição de mãos. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Reiki> – acessado em 10/072018)

³Ciência que estuda todas as coisas: a natureza, a vida, o universo e suas leis, com o objetivo concreto de compreender a natureza humana e descobrir quem somos, de onde viemos, para onde vamos e por que existimos. (<http://gnosisbrasil.com/gnosis/> – acessado em 10/072018)

uma resposta definitiva para cada coisa, e sim saber perguntar cada vez melhor.

Porque aquele que não desiste de questionar, cedo ou tarde acaba encontrando respostas. Como diz o ditado “quem procura acha! ”. E quem insiste numa pergunta, ainda que boba ou infantil, chega de uma forma ou outra num conhecimento gerado por ela, podendo suprir a dúvida e encerrando a pergunta, ou gerando uma nova indagação.

Houve uma guinada na minha forma de pensar. Aos vinte e nove anos, com o ingresso na faculdade, comecei a aprofundar meus estudos naquilo que era minha maior paixão, atuar na área do teatro. E foi logo no segundo ano de curso, em 2014, que durante uma aula da disciplina “Teatro na educação”, assistimos ao vídeo da peça *Estamira, na beira do mundo*, e uma fala em especial me tocou profundamente. Era a seguinte: “...tudo que é imaginável, existe, é e tem! ”. Talvez se não fosse por esta frase tanta coisa possivelmente não tivesse acontecido na minha vida.

Partindo da frase de Estamira postada por mim no facebook, um amigo me indicou assistir *A servidão moderna*, um documentário muito crítico acerca da relação humana com o trabalho, um filme que eu diria que causa indignação por despertar a percepção de como e porque o mundo estar sendo o que “é” em nossos dias atuais. Esta percepção causou em mim, um sentimento de desesperança.

Depois que assisti, reclamei bastante para este amigo, dizendo a ele que eu preferia não ter visto, pois seu conteúdo era muito pesado. Ele logo disse que eu deveria ler o livro “*Ismael, um romance sobre a condição humana*”, de Daniel Quinn. Já tinha escutado falar sobre este livro e tinha interesse de ler, então segui seu conselho.

Nas primeiras páginas já estava muito envolvido com a escrita do autor e a temática trabalhada, bastante corriqueira, mas ali desenvolvida de uma forma completamente inovadora. Salvar o mundo, era o tema central do livro, exposto em um diálogo telepático entre um gorila que se diz um professor maiêutico⁴, e um escritor que transcreve suas lições.

⁴ Maiêutica: É um método ou técnica que pressupõe que a verdade está latente em todo ser humano, podendo aflorar aos poucos na medida em que se responde a uma série de perguntas simples, quase ingênuas, porém perspicazes. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/maiêutica> - acessado em: 28/05/2018)

Mais instigado fiquei, quando em certo ponto o autor fala sobre encenação. No contexto da obra ele diz que história é a inter-relação entre o ser humano, suas divindades, e seu habitat terra. Que encenar uma história é viver de forma a torná-la real. E que cultura é a encenação que um povo faz de uma determinada história. Nas palavras do autor:

Primeira definição: **história**. Uma história é um roteiro que inter-relaciona o homem, o mundo e os deuses. [...] Segunda definição: **encenar**. Encenar uma história é viver de modo a torna-la realidade. Em outras palavras, encenar uma história é esforçar-se para torná-la verdade. Você reconhece que é isso que o povo alemão fazia sob o domínio de Hitler. Tentavam tornar o Reich do Milésimo Ano uma realidade. Tentavam tornar a história que Hitler contava uma realidade. [...] Terceira definição: **cultura**. A cultura de um povo é sua encenação de uma história. (QUINN, 1990, p. 45 e 46, grifos do autor)

Ele traz questionamentos através da afirmação que em nossos dias estamos todos, na maioria do globo terrestre, interligados por uma mesma história, encenando ela dia após dia. Ou seja: por mal ou por bem, maior parte da humanidade vive sobre o jugo de uma cultura única, unificada e unificante, ainda em processo de expansão, que só parará quando atingir todos os seres humanos em todo o planeta. Quinn chama essa cultura de “pegadora”, e de certa forma ele está se referindo à civilização (QUINN, 1992).

Usei este livro para fazer uma adaptação para o teatro, nas disciplinas de Encenação Teatral I e II, e continuei a ler os outros livros, que formam uma trilogia. Logo, este autor é um dos referenciais teóricos utilizados neste trabalho, porém, por sua obra se tratar de livros escritos como romance – apesar de apontar muitas informações científicas – foi usado também como um referencial poético. Recorri a seus escritos para ampliar a “visão” sobre questões de cultura, educação, arte, história, sociedade, política, entre outros assuntos diversos que permeiam este trabalho.

Me interessa muito esta temática: o caráter “encenativo” de nossa cultura, que o autor denomina como pegadora. Encenativo, por não haver um modelo dizendo como os membros da nossa cultura agem, os indivíduos “aprendem” na prática do dia a dia e na vida cotidiana, apenas fazendo o mesmo que seus antecessores faziam. Pensei em escrever sobre este tema, mas percebi que seria um assunto muito amplo e pouco objetivo, e eu não teria uma boa base referencial para trabalhá-lo no âmbito do teatro. Decidi então desenvolver uma pesquisa um pouco mais simplificada, mas que mantivesse um certo nível de ligação com esta temática – deixando em aberto a

possibilidade de retomar meu interesse inicial em trabalhos ou artigos futuros.

Foi então num cruzamento de leitura da *Estética do oprimido* de Boal (2009), com o livro de Quinn intitulado *Além da civilização* (1999), que encontrei uma semelhança bastante notável entre o que Boal hipoteticamente chama de “coroa”, e o conceito de “meme” presente em Quinn. Este conceito criado por Richard Dawkins em seu livro *O gene egoísta* (1976), deu origem ao campo de estudo da memética, ciência ainda não comprovada, mas bastante difundida pelo mundo, segundo o qual o meme é considerado a menor unidade formadora de uma cultura, como um DNA cultural, sendo assim, cada meme é equivalente a um gene.

A pesquisa direcionou-se então para esta linha: Acreditando-se que dentro desta “nossa cultura” de caráter de “encenação” de uma “história” (dominante, ou de dominação, ou de conquista), composta por milhares, ou milhões de memes, muitos deles são destrutivos ou prejudiciais, colocando em risco nossos direitos e liberdades, e gerando relações de opressão. Pensemos numa cultura escravocrata por exemplo, para que ela continue existindo, é essencial a informação de que determinado povo ou etnia – a dos escravos – seja considerada inferior. Sem esta informação de hierarquia entre povos ou etnias, o povo que está sendo escravizado, e até mesmo pessoas dentro da cultura escravocrata, buscariam a igualdade, posto que nenhum deles seria considerado superior ou inferior. Logo, como podemos notar, uma cultura escravizadora precisa de um meme (instrução para realizar comportamento) de superioridade/inferioridade – relação que se dá entre senhor e escravo – que por razões lógicas, é um meme prejudicial, que afeta diretamente os indivíduos da cultura que o possui, tirando a liberdade de pessoas ou de grupos étnicos inteiros. O simples fato de a escravidão existir e ser combatida até hoje, é uma prova circunstancial de que ela – e com ela a instrução para inferior/superior – é danosa para qualquer cultura que a imponha, pois implica na perda de liberdade dos membros que a compõe.

Analisando por esta ótica, podemos apontar o seguinte questionamento: se determinada cultura (ou partes dela) é prejudicial e perpetuada por imitação – herdada por tradições e regionalismos – ou imposta por uma “colonização cultural”, será que o teatro (por ser arte da imitação, criação e desconstrução) aliado à educação estética, seriam caminhos viáveis para introduzir o conhecimento acerca da memética? Podemos nos livrar da “vida imitada”? O teatro do oprimido aliado à memética seria um caminho para se libertar da vida imitada dia após dia? O conhecimento e o fato de

tornar ciente que uma cultura é um aglomerado de memes (informações e/ou instruções para realizar comportamentos) selecionados consciente ou inconscientemente, de forma natural (suscetíveis a substituição em curto prazo, ao contrário dos genes) ou artificial, poderá nos levar a um novo paradigma? Seria a memética um estopim para adentrarmos em uma nova era do pensamento?

Considerando essas questões, este trabalho fundamenta-se também no Teatro do Oprimido (TO), conjunto de técnicas teatrais que visam estimular a consciência crítica, democratizar as formas de produção artística, valorizar a arte popular e ainda analisar na cena, os conflitos humanos que geram relações de opressão. Ele pode ser uma ótima ferramenta para discutir, lapidar, desconstruir, e ampliar o conhecimento acerca da memética, já que Boal se refere as “coroas” como um fenômeno cérebro/mental e cultural, enquanto Dawkins, de forma semelhante, se refere ao “meme” como um fenômeno sócio/histórico/cultural, e também, ao mesmo tempo biológico (isso devido ao fato dos memes necessitarem de um suporte biológico, apesar de não serem de fato biológicos ou vivos).

Um dos objetivos deste trabalho, é apontar algumas semelhanças, e analisar as principais diferenças entre os dois conceitos: coroas e memes. E a partir da observação dos resultados da pesquisa, possibilitar a hipótese de um “teatro memético”, uma técnica aliando jogos e exercícios do TO que possibilitem uma aprendizagem acerca da memética, provocando o participante a observar-se a si dentro do teatro, e observar-se ainda mais, por observar como seus pensamentos/ideias surgem, como são aceitos ou descartados, porque são imitados e se tornam virais ou porque são rejeitados e atacados por outras pessoas ou por outros pensamentos/ideias.

Este estudo desdobrou-se em técnicas para o fazer teatral (exercícios que serão descritos no capítulo “Abrir caminhos: o teatro dos memes”), que podem ser usadas aliando-se as técnicas já conhecidas de Teatro do Oprimido e da Oprimida. Porém, o propósito primeiro deste trabalho é gerar uma discussão sobre a memética e as possibilidades de seu uso em meu trabalho como professor de teatro, e no possível uso de outros professores, atores ou diretores de teatro que tiverem contato e se interessarem pela pesquisa. Além de ser um registro para acesso de outros professores e professoras.

II. Objetivos

O objetivo principal deste trabalho de pesquisa é analisar possibilidades de inter-relação entre memética e teatro. Unindo a prática teatral aos princípios do darwinismo universal, propor atividades em que os participantes serão o substrato (ou veículo) por onde as informações devem fluir com naturalidade, para que possam perceber conscientemente o processo pelo qual uma informação é considerada mais “importante” que outra.

Em termos mais científicos, quando um determinado dado X tem maior valor de replicação, ele irá se reproduzir mais rapidamente, em um número maior de indivíduos do que qualquer outra informação que contradiga o dado X. Podemos dizer que este dado acabará se difundindo cada vez mais, até passar a realmente fazer parte de nossa cultura, ou por assim dizer, até passar a fazer parte do nosso DNA cultural.

Uma vez que o participante de um exercício de “teatro dos memes”, consegue visualizar este processo em que uma escolha pode ser feita subconscientemente sem interferência do intelecto, ele poderá estar mais atento as suas escolhas. Poderá estar ciente que ocasionalmente uma informação pode circular por aí, apenas pelo seu alto valor de replicação (tendência a ser copiada).

Sem que seja uma escolha racional, o cérebro pode dar mais atenção a uma informação do que a outra. Teoricamente segundo a memética, a informação que foi privilegiada, tem uma capacidade maior de criar cópias fiéis de si mesma.

Se considerarmos a memética como um instrumento (área do conhecimento) capaz de criar novas percepções sobre o que é, e como se dá o funcionamento “orgânico ou mecanizado” do próprio pensamento, será que poderemos gerar caminhos alternativos para a boa educação? A boa educação a que me refiro, de um modo geral, seja do ponto de vista que for: pessoal/individual, social, em nível de família, comunidade, nação ou planeta, etc., precisa ser uma educação que implique em pequenas mudanças gradativas em todos os setores da vida e da sociedade, e em seguida – e por consequência – uma transformação maior. Uma evolução do DNA cultural.

A memética é uma ciência que questiona como se forma a linguagem “dominante”, e que traça paralelos com a genética para oferecer uma explicação racional para o processo de reprodução – replicação ou cópia – e variação, que resulta na seleção dos memes (que pode ser inconsciente e/ou artificial). Do ponto de vista da ciência memética, nossa cultura, ou qualquer outra cultura humana, é formada por memes, assim como a “cultura” das abelhas é formada por genes. Por isso, é uma ciência que pode ser considerada uma metalinguagem da cultura.

E se é metalinguagem da cultura, será que é capaz de oferecer ao pesquisador dessa ciência, um maior grau de percepção do comportamento humano, e de como um dado comportamento se mantém sendo reproduzido e apreendido, tanto em grupos como em nível individual?

Outros pontos que proponho aqui, como objetivos secundários deste estudo, que estão no plano de fundo contribuindo para o surgimento dos resultados, são:

Ressaltar a importância e utilidade do Teatro do Oprimido (TO), uma área do teatro ainda pouco valorizada em nosso país, em vista da visibilidade e importância que toda a obra de Augusto Boal tem em alguns lugares mundo afora;

Possibilitar, durante o período em que a pesquisa é realizada, um espaço de ensino-aprendizagem, e troca de conhecimentos, que possa gerar hipóteses sobre os caminhos da memética, e que possa também gerar dados relevantes para o estudo;

Proporcionar um treinamento teatral que envolva outras áreas do conhecimento;

Pesquisar sobre a importância da hipótese das coroas dentro da obra de Boal, e a presença do conceito nas práticas teatrais sistematizadas em seus livros;

Por fim, investigar possíveis relações, familiaridades e discordância entre os conceitos de meme e coroa.

O teatro, por ser uma linguagem artística, e inerente ao ser humano, de representação da realidade (que pode imitar ou transcender ela), oferece múltiplas possibilidades de apropriação de outras áreas. Augusto Boal (brasileiro que sistematizou as técnicas de TO) se utiliza da liberdade poética que a arte lhe oferece para gerar a hipótese das “coroas refratárias” – que será vista adiante – para isso apropriando-se da neurociência. Não sei se ele chegou a conhecer o conceito

científico de meme, mas provavelmente ele iria ficar muito empolgado com esse novo conhecimento. Talvez ele pudesse com sua genialidade, ampliar o conceito da memética, ou rever pontos de sua hipótese de coroas.

Espero que pelo menos este trabalho cumpra com o objetivo de gerar interesse sobre a memética, e promover uma boa discussão sobre o tema, e também sobre Teatro do Oprimido.

III. Método

O presente trabalho se baseou em pesquisa teórica, buscando traçar um paralelo comparativo entre as escritas de Boal e Dawkins, e ainda de Daniel Quinn no que se refere ao uso do termo meme que faz em seu livro. Com os dados gerados pela pesquisa teórica, analisou-se a possibilidade de um uso prático deste conhecimento, aplicado a exercícios das técnicas de Teatro do Oprimido. Foi escolhida uma abordagem qualitativa que “preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009 p.32). Revelou-se como uma pesquisa de natureza básica, no que se refere ao questionamento sobre o reconhecimento da memética como uma ciência digna de estudo e carente de divulgação para sua compreensão popular, e foi também uma pesquisa aplicada, no que se refere à aplicação prática do conceito de meme, como objeto de inspiração para criação de exercícios e cenas teatrais.

Primeiramente foi feita uma análise do que é meme segundo Dawkins e o que é uma coroa refratária segundo Boal. Em seguida uma análise comparativa, na qual buscamos esclarecer em que esses dois conceitos se aproximam e em que divergem. E por fim faz-se uma análise da aplicação prática do conceito de meme sendo utilizado em exercícios teatrais. Nas considerações finais, apresento uma breve reflexão acerca da possibilidade da memética como conteúdo viável no TO, como um dispositivo a auxiliar a destruição de coroas.

Esta pesquisa – por ser de interesse pessoal de estudo e reflexão – terá continuidade durante meus processos formativos, podendo sofrer atualizações e reformulações. O fazer teatral em suas várias formas possíveis, já oferece em si uma grande quantidade de atividades de desconstrução dos conceitos limitantes, e a arte por si só já representa uma busca por novos paradigmas.

Durante a pesquisa para este trabalho foram criados e aplicados para

participantes das oficinas do projeto de extensão Teatro do Oprimido na Comunidade⁵ (TOCO), dois exercícios simples pautados na estética do oprimido, que se utilizam do conceito da memética, e dos memes como objeto de jogo e reflexão. Esses exercícios estão descritos no capítulo “Abrir caminhos: o teatro dos memes”, e foram propostos como fonte de observação para a pesquisa. Foi o momento para testar e refletir na prática, alguma hipótese gerada por este estudo.

Procurei criar exercícios com alguma inovação, baseando-me em práticas já difundidas no TO e dando-lhes um enfoque diferente, mas mantendo uma semelhança com exercícios propostos por Boal em seus livros. Por exemplo: práticas em que um grupo de atores treina e analisa os sons que são capazes de emitir, reproduzindo todos simultaneamente sons da natureza, da cidade, de uma fábrica, e etc., essa dinâmica pode ser aplicada apenas à imagem (jogo de estátuas; representar coisas com o corpo; cenas de teatro imagem, etc.), ou à palavra (jogos com texto; diálogos improvisados).

A mesma dinâmica pode servir para analisar como objeto: o som, imagem ou palavra. Na ocasião deste trabalho utilizamos para analisar como objeto o meme, durante o jogo, e também após ele, em uma roda de conversa.

Exemplo de jogo: duas filas de atores, uma das filas definira um meme de uma lista prévia, supomos que fosse “quem não acredita em deus não vai para céu”, essa fila repetirá o meme podendo inclusive buscar variações dele, desde que o sentido fosse mantido (sentido de exclusão daquele que não crê), enquanto isso a outra fila buscará argumentos para combater este meme. Depois repete-se o processo invertendo os papéis, e em seguida, como uma progressão da mesma dinâmica, pode-se sugerir que mudem o meme usado por uma variação que altere o sentido. Conforme o desenvolvimento dos atores, eles mesmos encontrarão as expressões para serem usadas, como: “todos vão para o céu”, “ninguém vai para o céu”; ou que indiquem um sentido oposto, como: “quem acredita em deus vai para o inferno”, ou ainda que contradigam a premissa do agente que se utiliza do meme para causar opressão, que no caso pode ser: “quem amaldiçoa não vai para o céu”.

⁵ Projeto de extensão da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) criado em 2010 a partir do desejo e necessidade que os estudantes do curso Teatro-Licenciatura sentiam, em oportunizar o contato com as técnicas do Teatro do Oprimido, e possibilitar oficinas e atividades em bairros e comunidades da cidade de Pelotas e de cidades próximas.

A intenção é exercitar o questionamento dos memes mais intransigentes ou agressivos, considerando eles como uma unidade de informação que incita o sujeito a assumir um comportamento diferente do que realmente deseja, ou diferente do que seria sua ação mais propícia ao bem.

IV. O mundo pode mudar ou é utopia?

Mas então, como vamos viver?

Esta é a pergunta que Quinn faz no livro *Além da Civilização* (Nova Iorque, 1999), e é o título do vigésimo texto deste. Composto por 174 textos dispostos em sete partes, mais um índice temático ao fim, o livro de Quinn propõe-se a servir como um manual de transformação, uma espécie de guia teórico para alcançar as mudanças almejadas no mundo. Logo depois deste texto ele introduz o termo “meme” (conceito criado por Dawkins), que ele usa repetidamente ao longo do restante do livro.

Segundo Quinn e Dawkins, a forma como vivemos – incluindo algumas crenças e costumes que julgamos indispensáveis – é mantida e reproduzida simplesmente porque nossos pais, avós, bisavós, e etc., viveram desta mesma forma, reproduzindo e transmitindo, de gerações para gerações, valores e conceitos (ou preconceitos) que às vezes são prejudiciais, e melhor seria serem evitados. Ou seja, por imitação, proposital ou não, alguns memes que cultivamos, são os mesmos que são cultivados à milênios.

Resta-nos então, como uma possibilidade viável, abandonarmos, ou substituímos os memes indesejados por outros mais saudáveis. Teremos nós o potencial e a capacidade de nos livrarmos dessa imitação secular? Podemos nós, seres humanos, usando a criatividade, um de nossos melhores atributos, gerarmos novas formas de viver? Ou ainda, por mínimo que fosse adequar nossa civilidade ou humanidade, para que possamos viver e conviver bem com outras formas de culturas, diferentes da nossa, ou de espécies diferentes da nossa? Poderíamos transcender essa cultura que remonta 10.000 anos de história? Acreditamos que sim, porém não há nenhuma fórmula ou caminho conhecido para isso, mas o simples fato de “começar” a trabalhar para resolver essas questões demonstra que existe uma necessidade de caminhos para romper com o paradigma atual. É preciso estarmos abertos e criativos, mudar nossa “visão” do mundo é o começo, e provavelmente o mundo acompanhe essa mudança por um processo natural e tranquilo.

v. Outros mapas teóricos

A pergunta sobre a qual Quinn se debruça, e que dá título ao texto usado como epígrafe deste trabalho, nos leva a uma reflexão sobre a memética. Ela nos faz perceber que o próprio questionamento em si é menos libertador do que pode parecer. Poderíamos dizer que ele é um meme que promove o pensamento de que já foi encontrada uma forma de viver viável para todos, e que deve ser por todos aderida e aceita. Além disso, a pessoa que lança este questionamento, o lança como um desafio (infundável, pois que a resposta implicaria no esforço conjunto do perguntador, por se tratar de como “vamos” viver) e se abstém da responsabilidade de problematizar a questão. Pois para quem pergunta sem questionar-se a si mesmo, o mundo já foi dado, com uma fórmula pré-estabelecida de como devemos viver.

Não deveríamos procurar entender algo sobre a vida sem antes observar sua própria manifestação, ou seja, devemos refletir sobre formas de viver “observando as coisas vivas”. É isso que Quinn propõe de forma quase poética em seu livro *A história de B*, em que fala do “animismo” como uma espécie de crença ritual (de onde se originaram grande parte das religiões que temos hoje) segundo a qual as coisas vivas – todas elas, por possuírem *anima*, ou energia vital – são a única manifestação de deus, ou de deusas e deuses. Todas as manifestações dos seres animados são regidas pela força de sua *anima*, por isso é irrelevante a informação “se deus não existe, se ele é apenas um, ou se ele é sete bilhões”. (QUINN, 1996, p. 177). Sua magnitude, neste plano terreno, só pode ser observada nas coisas animadas. E mesmo que ele não exista, isso não diminui em nada a magnitude da vida em si, e de sua essência, a *anima*, pois esta dá origem a toda a diversidade biológica do planeta, e pode ser percebida dentro de si mesma, pelo menos nos seres animados que tem consciência de sua existência enquanto vida.

Neste sentido, tanto para Quinn, Dawkins, e também Daniel Dennet (em *A consciência explicada*, 1991), entre outros autores, a informação (ou meme) para a existência de deus se torna irrelevante se percebemos que há uma ética impressa em todas as coisas vivas, inclusive em nossos próprios corpos.

VI. Gene: o primeiro replicador

Para entendermos o conceito de meme, precisamos entender que o ser humano é uma “máquina de sobrevivência”. Algo que Dawkins descreve como uma máquina robô gigante programada para a sobrevivência, feita de cabos, alavancas e dobradiças, que correspondem respectivamente em nosso corpo aos tendões, ossos e articulações. Este robô gigante possui máquinas (os músculos) que exercem força sobre os cabos, proporcionando-nos movimentos para reagirmos ao ambiente de fora. Um médico ou um fisioterapeuta talvez pudessem fazer por analogia um esquema detalhado da máquina de sobrevivência que é o corpo de um ser humano.

É importante e essencial, para compreender a relação meme/cultura, conhecer em termos gerais a relação gene-corpo-espécie. Cada um de nós seres humanos, somos máquinas de sobrevivência (construída e constituída pelos genes), engenhosamente produzidas, e programadas para subsistir e se replicar. As palavras “produzidas” e “programadas” aqui devem ser compreendidas em um sentido abstrato, pois um corpo humano não pode ser produzido usando as matérias que o compõe, como o monstro de Frankenstein – embora a ciência possa almejar – nem tampouco a partir do barro, como propõe uma das crenças religiosas mais fortes do ocidente. Também não podemos programar um corpo alheio para que obedeça nossas ordens como um robô que construímos. Então quem produz e programa nossos corpos? Será que os “genes” são a resposta para esse questionamento? E será esta função exclusiva dos genes? Para tentar responder essas questões, precisamos primeiro exercitar nossa “visão” sobre o que é humanidade, de um ponto de vista biológico.

Como semente jogada ao solo, nós já fomos uma única célula no corpo de nossas mães, e do caminho até o útero passando pela trompa, quando ainda não estamos ligados por um cordão umbilical, nossa única célula primordial ou zigoto (óvulo fecundado) se divide em dois, quatro, oito, dezesseis, e depois por outros processos já mais complexos no qual as células começam a se diferenciar de acordo com o tipo de tecido ao qual formarão e/ou farão parte no futuro. Só depois então de um período que pode durar até sete dias, em que este zigoto já está bem maior, é que ele se instala no útero. Note-se que ainda estando desligados de nossa mãe, já

começamos o processo de autoconstrução do nosso corpo, replicando nossas células apenas com uma reserva inicial de energia contida no óvulo, que possui um tamanho milhares de vezes maior que um sêmen.

Podemos observar que o processo de autoconstrução não é feito de forma consciente, mas sim a partir um aglomerado de instruções já contidos na primeira célula que começará a construção, e todas as células que formam o corpo recebem uma cópia dessas informações. Este aglomerado de informações, que permite às nossas células continuarem se replicando, e ao nosso corpo crescer e se desenvolver até atingir a fase adulta, chama-se DNA. Nele está contida a pré-programação de construção de um corpo, trabalho que em média leva cerca de vinte anos para se concluir, podendo também às vezes carregar informações para o futuro, como uma doença genética propícia a se desenvolver quando dado corpo atingir o dobro do tempo de construção deste mesmo, ou seja, 40 anos.

Esta última hipótese a que me referi é meramente ilustrativa, para exemplificar como os genes podem carregar programações mesmo depois de ter concluído sua construção de um corpo. Mas o processo de herança genética é algo que ainda não foi totalmente desvendado pela ciência, de modo que quando falamos de uma doença geneticamente transmitida, podemos nos referir apenas como uma “suposta” pré-disposição para a doença tal, baseando-se numa estimativa do histórico familiar em relação a ela.

Posso ter ido um pouco longe na explicação do aglomerado chamado DNA, que como de costume sempre acaba no assunto genética. Eu não sou geneticista, porém na arte, a licença poética, e minha condição de artista, me permite analisar um fato científico que pode abrir portas para nossa compreensão do que é o ser humano, e como se da sua relação com o mundo. Portanto a arte, por ser linguagem, e por abranger todas as áreas da vida (BOAL, 2005 p. 126), concede ao artista o direito de gerar hipóteses científicas.

Para melhor compreensão do que é o meme (unidade mínima de informação cultural) é importante conhecer a relação entre gene e DNA. Peço desculpas antecipadamente a qualquer geneticista graduado que possa ler este trabalho, pela falta de vocabulário científico, ou por qualquer erro técnico. Que fique claro que esta breve explicação é apenas para criarmos um mapa teórico, de como a “unidade

mínima de informação biológica” (gene), participa, tanto da construção, como do comportamento dos corpos que constrói.

Um DNA é uma combinação de pares de cromossomos, no caso do corpo humano são 23 pares, cada par contém um cromossomo do pai e outro da mãe (na reprodução sexuada). Cada cromossomo é uma cadeia complexa de proteínas ligadas entre si, que formam combinações de informações, que serão decodificadas por cada célula como instrução para continuar a fabricação a partir de si mesma.

Uma célula destinada a formar um olho por exemplo, vai ler em alguns dos pares de cromossomos a informação destinada a definição da cor dos olhos. Essa mesma informação, está contida em todas as outras células do corpo, mas servirá apenas para as células que precisarem “ler” ela. Esta pequena informação dentro do DNA é o que chamamos de gene.

É importante ressaltar que todo organismo vivo que se encontra em nosso planeta hoje, é composto por células que possuem DNA, sejam animais, vegetais, fungos, bactérias, micróbios, etc. É principalmente por este motivo que Dawkins se refere a todo e qualquer ser vivo (incluindo a forma humana) como máquina de sobrevivência. Para não cairmos no erro infantil de pensar que somos muito diferentes do resto da natureza, ou que somos mais evoluídos que todo o resto. Na verdade, todas as espécies que compõe a biomassa do nosso planeta, são apenas parte de um todo. Somos todos, “máquinas de sobrevivência construída por uma confederação efêmera de genes duradouros” (DAWKINS, 1976 p. 29), projetados e desenvolvidos inconscientemente a partir dos próprios genes, lapidadas por bilhões de anos, num processo de tentativa e erro que gerou uma seleção natural, em que aqueles que estão mais aptos a reproduzir-se e melhor se adaptam ao ambiente e suas condições, serão aqueles que se perpetuarão como espécie.

Cada espécie foi desenvolvendo conforme sua necessidade, ferramentas para responder melhor aos estímulos do ambiente, e aprimorar cada vez mais, a forma como os organismos individuais obtém seu sustento: Plantas adaptaram um sistema fotossintético, em que usam a luz do sol para crescer, que combinada com oxigênio, nutrientes e água extraídos do solo, se convertem em energia para suas células continuarem se replicando. Mamíferos terrestres adaptaram patas para se locomover em busca do alimento. Herbívoros adaptaram dentes em bloco para ruminar pasto, e um estômago alongado para extrair ao máximo a energia de seu alimento. Carnívoros

adaptaram dentes afiados e um estômago preparado para digerir grandes quantidades de alimento (DAWKINS, 1976). Cada espécie foi adaptando e aprimorando seus aparatos, para funcionarem melhor conforme o ambiente e a forma específica de obter sustento. Essa adaptação de cada espécie e até mesmo a especiação (surgimento de uma nova espécie), se deu pura e simplesmente por seleção de genes (os primeiros replicadores que conhecemos).

Dawkins explica que:

[...]vários atributos são desejáveis no corpo de um carnívoro eficiente, entre eles dentes cortantes e afiados, o tipo certo de intestino para digerir carne e muitos outros. Um herbívoro eficiente, por outro lado, necessita de dentes planos para moer e um intestino muito mais longo com um tipo diferente de química digestiva. Em um “fundo” de genes de herbívoros qualquer gene novo que desse a seus possuidores dentes afiados para comer carne não teria muito sucesso. Isto se dá não porque comer carne seja universalmente uma má ideia, mas porque não se pode comer carne eficientemente a menos que se tenha também o tipo certo de intestino e todos os outros atributos de um modo de vida carnívoro. (DAWKINS, 1976, p. 27)

Espero não ter confundido mais do que clareado a respeito de genes. Mas com o que temos agora podemos entrar na discussão acerca de sobre o que é meme.

vii. Meme: um novo replicador

A teoria da evolução darwiniana no contexto trabalhado por Dawkins (ultra darwinismo, ou darwinismo universal), nos leva à conclusão de que praticamente todo o comportamento dos seres vivos senscientes (aquele que reage aos sentidos, como o prazer e a dor, mesmo que inconscientemente) está relacionado a sua configuração genética, totalmente programada por esta. Quero enfatizar o “praticamente” usado na frase anterior, pois como a pesquisa de Dawkins e outros biólogos aponta, há exceções, e alguns comportamentos animais podem não estar ligados apenas a herança genética. Mas ainda assim, em um plano de fundo, são os genes que determinam um amplo leque de ações ou reações que uma espécie terá.

Tudo bem, isto pode explicar muita coisa, como por exemplo o salto do gato quando arrastamos o pé repentinamente. Vou tomar algumas linhas para explicar este fenômeno que envolve diretamente a lei de causa e efeito.

Durante a evolução da espécie deste pequeno mamífero terrestre, ele precisou “adaptar” um sistema eficiente para se proteger de predadores. Um predador em potencial poderia ser uma cobra por exemplo, muitos gatos podem ter sido comidos por cobras, eles podem até ter deixado sua representação genética impressa no mundo através de um filhote, mas se este não puder se esquivar de uma cobra, seu destino será o mesmo de sua mãe ou pai. Mas por outro lado, se ele “aprender” a ter uma reação rápida, estará mais apto a sobreviver e deixar seu legado no mundo, filhos com a mesma tendência – ou programação – genética. Neste caso a tendência para pular avidamente quando escutar um chinchilhar em meio à vegetação, será eternizada através das gerações desta espécie.

A seleção natural é severa, e aquele que não estiver apto sofrerá consequências, estará fadado ao fracasso, sofrendo duras penas e podendo chegar a pena máxima, que neste caso é a extinção da espécie. Hoje em dia nossos queridos gatinhos urbanos não vivem mais na natureza em meio à vegetação, mas mesmo assim reagem ao som do pé arrastando, dando um enorme salto involuntário. Memória instintiva de séculos de evolução, traduzida agora em comportamento genético.

Legal! Mas, e nós seres humanos, onde ficamos nisso tudo? Temos genes e DNA, assim como todos os demais seres vivos. Somos também como gatos, máquinas de sobrevivência. Não podemos nunca deixar de admitir que nossos genes controlam toda a nossa formação física, e todo comportamento interno do nosso organismo, sistema simpático e parassimpático, assim como certos impulsos mais instintivos como a necessidade de reprodução. Esta última acabou por privilegiar o desenvolvimento de um sistema sensível ligado aos órgãos reprodutores que promove a sensação de prazer, o que por sua vez, desperta o desejo e apetite sexual.

Nós somos animais também, porém a seleção nos adaptou para a capacidade de cálculo e previsão. O porquê desta ferramenta ter se desenvolvido ainda levanta muitas polêmicas e ideias que muitas vezes se contradizem, nos deixando cada vez mais confusos. Não discutirei aqui nenhuma hipótese, mas peço que pensemos na consciência humana como uma das adaptações promovidas para aprimorar as máquinas de sobrevivência.

Esta capacidade de previsão e cálculo, ou consciência, permite que o ser consciente assuma certos padrões de comportamento que não são de ordem genética e/ou que não evoluíram através de seleção natural. Por exemplo: muitos brasileiros tem o hábito de jogar futebol com bastante frequência, porém este comportamento não evoluiu por seleção natural (não faz parte dos genes), não há nenhum fenômeno observável na natureza que indique que os habitantes do Brasil que cultuam futebol tenham mais chance de perpetuarem seus genes em detrimento de outros que não cultuam futebol.

Mas o que determina nosso comportamento se não estamos à mercê dos genes, e de sua seleção na natureza. Aqui se justifica o termo que utilizo ao longo deste trabalho, que embora não tenha nunca o lido ou escutado, creio que já esteja pairando por aí. O termo é: “DNA cultural”. O sentido que uso ele aqui é puramente hipotético, servindo para explorar uma ótica onde podemos pensar na cultura humana como um projeto de design do comportamento humano, e que tem uma tendência a evoluir de forma similar à genética.

Muitos autores fazem uma forte distinção entre natureza e cultura, não sou totalmente contra isso, mas com certeza muitos autores através desta distinção impulsionaram uma visão errônea do mundo, colocando “cultura versus natureza”.

Tratando-se da cultura como algo pertencente ao ser humano, por conseguinte isso nos leva logo a dedução daquilo que parece implícito: ser humano versus natureza.

Logo, quando utilizo o termo “DNA cultural”, que fique claro que não estou indicando que este está em oposição ao DNA genético, uso este termo apenas como analogia para refletirmos como se dá o processo de construção cultural.

Uma cultura é formada por vários blocos complexos de informação, não importa quantos são eles, se cinco, ou quinhentos, por analogia podemos compará-los às cadeias de cromossomos que chamamos de genes. Cada bloco de informação é composto por pequenos fragmentos, o menor conjunto de informação que compõe o bloco é aquilo que chamamos de meme. Ufa! Finalmente então chegamos ao conceito de meme.

Agora já sabemos, ainda que vagamente, o que é um meme. Isto nos leva a outra questão: se os genes se mantêm vivos, se perpetuando de corpo em corpo através da reprodução, sofrendo a dura seleção natural, como os memes se mantêm vivos? Como se dá sua reprodução e seleção? Se é que possuem estas. E quais caminhos terão percorrido os memes até chegar a configuração do nosso atual DNA cultural?

Essas e outras questões, que ainda estão por vir, são o motor desta pesquisa, que dá um primeiro passo em direção a sistematização de alguns exercícios e dinâmicas, que se utilizam do arsenal de jogos do TO como ponto de partida para o estudo das relações que se dão entre os memes. Talvez possa se chamar “Teatro dos memes”. O que será que determina o resultado dos memes “dominantes” que estão se mantendo presentes dentro de uma cultura, ou em uma determinada fração dela?

Como será por exemplo que acontece um fenômeno como a idolatria que países rotulados de “terceiro mundo” nutrem pela cultura norte americana? O país que mais explora o mundo, muitas vezes é amado pelo povo do país ao qual continua sempre a explorar.

No próximo capítulo apresentamos um outro conceito, também ligado ao comportamento humano, mas com um enfoque mais voltado para a neurociência. Esta é uma hipótese suposta por Boal em seu livro *A estética do oprimido* (2008). Ela traz a ideia de um caminho neural que se repete por indução, ou seja, não sendo por vontade própria. Boal diz que por repetição, o cérebro cristaliza um caminho que fica

guardado, trazendo perda da sensibilidade estética, o que reforça cada vez mais este caminho. Como um soldado, que durante anos é treinado para obedecer a ordens de superiores, e acaba perdendo sua vontade própria, ficando sujeito à obediência automática, sem questionar o sentido do que foi ordenado e sem instrumentação mental para fazer juízo de valor sobre os comandos a ele impostos. Isto é o que Boal chamou de “coroas”.

Analisaremos um pouco este conceito, para depois retornarmos e fazer um paralelo entre meme e coroa.

viii. Uma bússola: Augusto Boal

Antes de ingressar na academia, já conhecia o teatro há algum tempo. Já havia lido o livro *Jogos para atores e não atores* (BOAL, 1998) mas ainda não tinha clareza da proposta de Boal e do Teatro do Oprimido. Em minha aprendizagem como ator, ouvia meus instrutores dizerem que estavam usando exercícios de TO, mas não fazia ideia do que poderia diferenciar o TO de outras técnicas teatrais.

Isso começou a mudar quando entrei para o projeto TOCO. Passei a pesquisar mais sobre TO, li e reli livros e artigos. Mas o mais importante foram as atividades realizadas no projeto: em nossas reuniões, onde discutimos sobre a técnica e experimentamos exercícios; nas atividades de extensão propriamente ditas, em que realizamos oficinas em várias ocasiões diferentes; na cena de teatro fórum que montamos e apresentamos em 2015 e 2016; e nas leituras de grupo, das obras de Boal e Freire.

Estudando a obra desses dois autores, não tem como não se tornar crítico às ideias homogeneizantes de uma cultura universal. É preciso agilidade e destreza do pensamento para perceber que há mais malefícios que benefícios em uma cultura universal. Não é preciso muito esforço, porém, para perceber isso. Basta observar no mundo biológico, na nossa própria espécie e no nosso DNA. Se a universalidade fosse benéfica ou mais funcional que a diversidade, será que não teríamos um DNA universal, ou pelo menos tipos de DNA uniformizados dentro da mesma espécie? Mas na verdade o que acontece é o oposto. Mesmo dentro da mesma espécie, nenhum DNA de um indivíduo é igual ao de outro (exceto casos de gêmeos idênticos univitelinos).

Um dia pensei que fosse só questão de tempo até resolvermos os conflitos da humanidade para termos uma única cultura universal. Acredito que muitas pessoas ainda pensam assim, mas hoje entendo que não deve haver uma cultura universal. “Quando a cultura de uma época ou país é universalmente aceita como sendo a melhor, única e mais perfeita, é porque a opressão ali é universalmente exercida, sem contestação.” (BOAL, 2009, p.36).

Augusto Boal pela sua arte foi reconhecido como um grande cidadão, politicamente engajado nas reivindicações de melhorias dos direitos, das condições de trabalho, e no reconhecimento do teatro como uma profissão digna e respeitável. E como cidadão, foi um verdadeiro revolucionário, defensor da justiça com uma visão de mundo surpreendentemente libertadora. Ser questionador e não aceitar a “visão recebida” do mundo, como algo acabado, fez dele um ser humano preocupado em superar o atual paradigma.

Sua arte era nutrida pela ética e solidariedade, e tinha como ainda tem, o objetivo de através do teatro, ajudar a conduzir ator e o espectador pelo caminho que leva da consciência ingênua para a consciência crítica. Ele acreditava que nossa sociedade é injusta por estar organizada em uma disposição que privilegia as relações de opressão, onde os detentores dos poderes são aqueles que ditam o mundo, como algo que “é”. Enquanto isso uma maior parte das pessoas – mais da metade, porque caso contrário o mundo não “seria o que é” – são induzidas quase que inconscientemente a aceitar ele, o mundo, como “é”.

Esta relação entre quem dita e quem aceita o mundo, funciona como na convenção palco/plateia, uns atuam e outros apenas assistem. O TO busca acabar com essa relação, libertando o espectador do mundo para agir nele. Sendo ator e protagonista de sua história pessoal, sendo ator social (cidadão) e participando como coautor da realidade.

Para Boal o mundo não “é”, ele está sendo, pois assim como a natureza evolui e uma árvore cresce, o mundo está em constante transformação. Seu desejo era caminhar em direção à libertação do mundo, partindo principalmente da libertação da visão ou conceito de mundo acabado, como algo feito que já está pronto quando nele chegamos. Visão que desprivilegia o sentido de transformação e evolução, tanto do mundo como do ser ou de sua cultura. O objetivo último de sua arte, e do sistema do Teatro do Oprimido que desenvolveu, são ações concretas continuadas na realidade. Essas ações são ações de enfrentamento e questionamento das relações de opressão que permeiam nosso dia a dia, visando eliminar a situação de opressão, liberando tanto o oprimido, como o opressor – que também se encontra preso em uma relação que impossibilita suas outras formas de pensar/agir e sentir.

Em seu livro *Estética do oprimido* (2008) ele defende a ideia de que a estética – a capacidade humana de sentir o mundo e de estabelecer uma comunicação sensível com ele – foi monopolizada por uma pequena minoria, detentores dos meios de produção e reprodução artística, e detentores do capital necessário para sua realização. Mesmo sendo a estética uma capacidade inerente ao ser humano, assim como qualquer outra, ela pode se desenvolver ou atrofiar, dependendo do estímulo ou da ausência dele.

No capítulo *A invasão dos cérebros* Boal descreve como o bombardeio de milhões de informações e imagens breves que aparecem nos canais abertos de televisão ou em filmes hollywoodianos, atrofiam a capacidade estética do cérebro. Nossa comunicação com o mundo depende do nosso pensamento. Conforme Boal, “tiros, explosões e rajadas de metralhadora vão influenciar a posterior percepção do mundo desse infeliz espectador. Todo estímulo sensorial violento obscurece qualquer forma de pensamento” (BOAL, 2008, p. 148). O espectador paira por um mar de emoções transitórias e desconexas, e incapaz de atribuir uma unidade de sentimento, as imagens lhe perdem o sentido, olha sem ver, perde sua capacidade crítica, ficando à mercê de mensagens implícitas na programação como: compre! Obedeça! Consuma! Conquiste! Desperdice! Durma! Aceite! Anestesia-se! E etc. Isto tudo introduzido dentro da arte em si, sem contar os comerciais.

Boal aponta que o funcionamento do cérebro possui dois setores importantes que são objeto de estudo da ciência, a razão e a emoção. Esses dois muitas vezes são compreendidos como coisas distintas, que podem ser separadas em compartimentos. Mas a realidade é que os dois estão intrinsicamente ligados, apesar de podermos distingui-los. A capacidade de raciocínio lógico e matemático (razão lógica) se desenvolve no setor que denominamos noético, enquanto a capacidade de fruição artística e abstração (razão sensível) se desenvolve no setor estético. (BOAL, 2008, p. 25)

Os dois setores do pensamento não estão separados nem fisicamente e nem temporalmente, eles acontecem simultaneamente em várias regiões do cérebro, formando redes neurais entrelaçadas. Contudo, segundo a hipótese de Boal dos “neurônios estéticos” há uma região na base do córtex (tálamo e hipotálamo) que exerce uma influência de vital importância para o setor estético. Os neurônios desta região são mais desenvolvidos e exercem uma função similar a um processador. Eles

recebem todas as informações geradas pelos sentidos e pelo pensamento, e depois de processá-las emite uma nova informação que se converte em novos caminhos ou redes neurais.

Teoricamente esta região dos “neurônios estéticos” é mais importante para o setor estético do pensamento, porque a parte ligada ao raciocínio lógico é menos dependente da criatividade e da variabilidade, pois sempre que perguntarmos algo objetivo como por exemplo uma conta matemática de quanto é $4+4$, a pessoa que responde vai utilizar um caminho já conhecido pelo cérebro, havendo pouca possibilidade de variação pelo fato do resultado desejado ser sempre 8. Isto não representa nenhum problema, afinal, não podemos subverter a matemática e esperar sempre resultados diferentes. Entretanto quando isto se aplica a dar um sentido subjetivo individual às coisas do mundo isto pode representar um perigo, pois é o oposto da criatividade: a estagnação do pensamento.

A estagnação do pensamento é o engessamento da capacidade de escolhas. É quando um cérebro cria um caminho neural (pensamento ou ideia) que se torna dominante, ou seja, quando uma informação tem maior valor de replicação, e acaba se repetindo um maior número de vezes do que outras informações dentro do próprio cérebro. Essa repetição, com o tempo, faz com que aquele caminho ou pensamento se torne uma coroa neural refratária, e seja determinante no comportamento do indivíduo.

Não é necessário, porém, sempre ter uma nova ideia, para que um cérebro tenha uma coroa que acabe determinando o comportamento do indivíduo. Ele pode também ser “apreendido” culturalmente. Através da imitação e repetição continuada de determinados comportamentos, essas coroas espalham-se entre os indivíduos de uma mesma cultura pelo modo encenativo.

A hipótese é que pensamentos repetitivos se convertem em coroas e “infectam” outros indivíduos. Quando esta infecção se espalha entre um grande número de indivíduos de uma mesma cultura, ou quando “contamina” ou é absorvida por outras culturas, dizemos que isto é um meme.

Os memes não são agressivos e nem representam perigo se pudermos selecioná-los conscientemente. Se tivermos uma consciência crítica atenta para nossas escolhas, mesmo aquelas mais óbvias que nem pensamos em questionar,

certamente estaremos mais protegidos das falsas verdades que tentam nos impor, ou que acabamos tomando por engano.

Coroas sim representam perigo. Quando fazemos uma escolha sem entender muito bem o porquê, podemos na verdade não estar escolhendo, e sim seguindo um padrão memorizado pelo cérebro (coroa). Esse padrão pode ser memorizado simplesmente por repetição contínua, ou pelo alto valor de replicação que tem. Uma vez memorizado e fixado como coroa, diminui as possibilidades de escolha.

O mecanismo do cérebro/mente da espécie humana é surpreendente, podemos pensar nele como uma gigantesca malha cinza de células, que funcionam como lâmpadas pequeninas que se acendem ou apagam formando imagens que se traduzem em pensamentos. A infinidade de possibilidades é o que permite a variabilidade, característica essencial para solução de problemas, aprendizagem, e também criação e fruição artística.

Quando captamos algo novo ou diferente por meio dos nossos sentidos, criamos novas redes neurais, até então inexistentes. Para Boal “pode acontecer que, dada a natureza das informações dogmáticas repetitivas, essas redes se cristalizem, tornando-se opacas e compactas, impedindo a chegada de informações conflitantes com as já existentes” (BOAL, 2008, p155). Esta opacidade e impedimento do pensamento reproduz um efeito físico real, o qual ele classificou hipoteticamente como “coroas neurais refratárias”.

Ele batizou este fenômeno como “coroa” fazendo alusão aos símbolos de desejo, como coroa do nobre, faixa de miss, troféu do campeão, etc. Se prestarmos atenção, em nosso dia a dia, vamos ver muitos exemplos de pequenos desejos que as pessoas vivem repetindo. Curioso e triste, que muitas vezes o desejo vem acompanhado de uma descrença em realizá-lo. Você talvez se lembre de alguém dizendo uma das expressões: preciso arrumar um trabalho, mas ninguém está dando emprego; queria viajar nas férias, mas sei que não vou poder. Esses são exemplos de crenças limitantes.

Sempre escutamos falarem por aí sobre crenças limitantes (ou limitadoras). Eu mesmo havia escutado várias vezes, e entendia vagamente o que era. Foi recentemente no livro *A lei da atração: o segredo colocado em prática*, de Michael J. Losier, que obtive uma maior clareza, pela explicação que este autor dá, muito

simples, mas eficiente. Ele diz que “uma crença limitadora é um pensamento repetitivo que lhe ocorre sistematicamente, sem parar” (LOUSIER, 2007, p. 24). E depois lembra o leitor que “uma crença limitadora é simplesmente um pensamento repetitivo que você fica repetindo incessantemente, e que, portanto, qualquer crença pode ser modificada” (p. 27).

Fazendo uma análise especulativa, podemos atribuir às coroas, a maior parte de nossas crenças limitantes, muitos dogmas falsos criados e difundidos por fanáticos religiosos, além de comportamentos discriminatórios, de segregação e exclusão. Comportamentos egoístas ou maldosos, que hoje se encontram num estado que chamamos de “normalizados”, por serem amplamente reproduzidos e difundidos, quase – ou totalmente – inconscientemente, por uma parcela considerável da sociedade.

Esta informação é de vital importância para este trabalho. É o mote e o tema central por onde circulam as ideias desta pesquisa. Motivado pela esperança de dias melhores (esperança ativa, e que motiva meu estudo), e pela possibilidade de mudança – ou até a transformação – das estruturas sociais, aventurei-me em ser um arte-educador atento e aberto ao novo e o desconhecido.

Um dos desafios que me imponho como professor, é não cair na mesmice, na aula padronizada e previsível, e nas tentadoras certezas. Ter certeza, não é sinônimo de estar certo, e nem de pensar certo. Certeza em demasia leva a arrogância e afasta do pensar certo, pois “uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiado certos de nossas certezas” (FREIRE, 1996, p. 14).

Procuro manter-me positivo em relação ao futuro. Partilho da boa fé de que, as pessoas são capazes de influenciar a realidade no presente, participando da criação de um futuro mais bonito do que as previsões daqueles mais negativos, que muitas vezes se dizem apenas realistas. Mas creio que a transformação maior se dará partindo do indivíduo, através do seu encontro com a boa educação, que pelo bom exemplo se tornará homogênea em nossa cultura, e reverberará de volta no indivíduo.

Espero que através deste trabalho, possam surgir caminhos para uma maior compreensão sobre as coroas. Gerando hipóteses de como elas se formam, se fortalecem e, se podem, e como, ser destruídas. Pois como enfatiza Boal, essas coroas, são “coroas refratárias agressivas, mas não indestrutíveis”. (BOAL, 2009, p.

154).

É neste sentido, que este trabalho se propõe a fazer uma reflexão e análise desses dois conceitos: memes e coroas. E unindo teoria à prática, apresentar aqui, duas propostas de exercícios, bem como o relato de experimentação de cada um.

IX. TOCO: ponto de encontro e partida

Em minha adolescência conheci o teatro e me encantei. Decidi que faria o possível para estar sempre em contato com esta arte. No início não percebia e nem cogitava o porquê deste meu forte desejo. Hoje arrisco a especular que a arte de representar personagens e atuar nos palcos me atraía tanto, pela possibilidade de me distanciar de mim mesmo, e assim poder enxergar aquilo que eu não sou e as limitações que tenho. Nas oficinas e cursos de preparação de ator e a cada encenação que participava – ainda que inconscientemente – ia me conhecendo um pouco mais.

Hoje sinto que me conheço pouco ainda, porém posso afirmar meu processo de autoconhecimento teve um grande aceleração devido às atividades e experiências práticas, e aos conteúdos com que tive contato na faculdade. O próprio retorno aos estudos, em um estágio da vida em que me encontro mais amadurecido, já foi um grande crescimento (apesar de algumas dificuldades). Pois apesar de me manter sempre fazendo teatro, fora as práticas teatrais, estive alguns anos fora do âmbito educacional.

Cada experiência vivenciada vai fazendo parte da história pessoal, e formando um ser. Tudo conta, de certo que todas as memórias – até mesmo aquelas inacessíveis devido à algum trauma – influenciam na personalidade de uma pessoa. Porém, algumas coisas tem um “maior peso” que outras.

Um dos fatores marcantes em minha vida, e em minha formação como professor de teatro foi minha passagem pelo projeto de extensão Teatro do Oprimido na Comunidade (TOCO). Posso dizer que foi meu período de maiores mudanças e aprendizagens. Não apenas pelas práticas vivenciadas, também pelo aprofundamento teórico em Boal e Freire.

Ingressei no grupo em meados de 2014, e permaneço nele até hoje, já em vias de concluir minha graduação. Nas primeiras reuniões nem sabia direito qual era o propósito da extensão. Depois aos poucos fui conhecendo a história do projeto.

O TOCO foi fundado em 2010 com o objetivo de levar as técnicas de TO para bairros e comunidades de pelotas e arredores. Oferecendo assim, um espaço – no próprio bairro ou comunidade – onde a população possa exercer a sua voz e a sua

palavra. Uma oportunidade para serem problematizadas opressões que permeiam as realidades desses lugares.

O projeto nasce a partir da disciplina “Teatro na Educação III”, que tem como enfoque principal o teatro em comunidades. Os alunos que participavam desta cadeira no primeiro semestre de 2010, demonstraram um forte desejo em um projeto que pudessem trabalhar com TO nas comunidades, fora do âmbito da universidade.

Conforme ia me familiarizando com os ideais do projeto, que se espelham nos ideais da educação problematizadora e da Estética do Oprimido, ia percebendo também o quanto de opressões eu sofria sem questionar, achando que isto era só uma parte do processo, e que era algo comum a todos. Mas a medida que fui me percebendo como protagonista de minha história pessoal, posso dizer que me libertei de algumas delas, e libertei a minha voz para denunciar outras.

Ao longo dos oito anos de atividade, já passaram pelo projeto TOCO mais de 30 estudantes de vários cursos da UFPel, que deram sua contribuição para que o TO alcançasse diversos bairros de pelotas e algumas das cidades vizinhas. Seja nas atividades de extensão: aplicando oficinas, ministrando rodas de conversa, participando de cenas apresentadas; ou nas atividades internas do grupo: participando de leituras, pesquisas, planejando aulas ou produzindo textos e estudos, cada um deles teve participação na importância que o TOCO tem para a faculdade, e para a comunidade.

Espero que minha contribuição venha a somar positivamente no projeto, pois o ganho que tive fazendo parte dele foi muito positivo para mim. Tive a oportunidade de ministrar oficinas continuadas de TO, em três momentos: no Desafio (curso de educação popular preparatório para vestibular), na colônia de pescadores Z3 (bairro de Pelotas) e no Centro de Referência da Juventude da cidade de Capão do Leão.

Em minha participação do projeto produzi três artigos para o Congresso de Extensão em Cultura (CEC), que de certa forma, fizeram parte do caminho até eu chegar neste trabalho que aqui apresento.

Certamente terão experiências futuras que vão influenciar em minha formação como docente, mas até agora, posso dizer que o TOCO foi a maior de minhas influências. Lá eu me encontrei, e encontrei colegas engajados com quem aprendi muito. E encontrei o estímulo desejado para realizar este trabalho.

x. Abrir caminhos: o teatro dos memes

Neste capítulo apresentam-se os passos para realização de dois exercícios criados para fazer analogia ao funcionamento da memética. O primeiro surgiu de forma espontânea durante uma oficina, e suas regras foram sistematizadas depois. Ele se propõe a encontrar um suposto e provável meme, partindo do comportamento dos opressores, que seria um meme que instrui a realização do comportamento opressor. E ainda na sequência, procurar alternativas de combate ao meme.

O segundo foi uma proposta elaborada previamente, e tem a intenção de simular uma seleção inconsciente, para que depois os participantes possam analisar o valor de replicação, ou qualquer outro fator que os levou à seleção inconsciente de uma informação (que no exercício eram poses dos atores) em detrimento de outras.

Esses exercícios são apenas o primeiro pequeno passo. Já tenho feito projeções e tido ideias para no futuro, criar uma técnica de criação de personagens, por meio do estudo dos principais memes que afetam estes. Mas por ora fiquemos com essas duas propostas bem modestas.

IX.1. PROPOSTA DE EXERCÍCIO 01: Recodificando os memes

Este exercício deve ser aplicado como continuação de uma oficina, em que os participantes já tenham criado ao menos uma cena fórum e já tenham sido apresentados aos princípios do conceito de memética.

1. Depois de os participantes da oficina criarem uma ou mais cenas fórum, cada grupo (ou todo o grupo no caso de apenas uma cena) se reunirá para discutir sobre a cena criada, procurando encontrar uma expressão que sintetize a situação de opressão ocorrida nela. Durante este processo, o ministrante do exercício deve instruir os grupos a escolher expressões que indiquem uma forma de comportamento. E ainda, caso já exista uma expressão conhecida pelos participantes, que sintetize a situação, esta deve ser usada. Note que esta expressão já é o meme (unidade mínima de informação cultural, ou, instrução para realizar comportamento) que está sendo exposto e problematizado no jogo.

2. Dois grupos de atores (A e B) são postos uns de frente para os outros. Cada grupo já terá combinado o seu meme, encontrado a partir da cena que realizaram. O ministrante escolhe um dos dois grupos para começar – este será o A – e irá em coro, dizer seu meme. O grupo B, depois de escutar, irá responder com contra-argumentos. Todos os participantes deste segundo grupo devem falar ao mesmo tempo, improvisando o mais naturalmente possível.

3. Repete-se o mesmo processo algumas vezes, a cada vez com maior vigor e energia. O grupo A, em coro, volta a repetir sempre a mesma expressão (o meme), depois que todos atores do grupo B tiverem terminado sua pequena contra argumentação improvisada. Em cada repetição o grupo B deve tentar falar argumentos diferentes, afim de gerar a maior variedade possível.

4. Agora o grupo B expõe seu meme repetindo-o em coro. Volta-se a repetir os mesmos passos 2 e 3, mas desta vez o grupo A é quem encontrará argumentos contrários ao meme repetido por B.

5. Os grupos reúnem-se novamente, e a partir dos resultados gerados pelo jogo, são instruídos a combinarem novas expressões, que usarão em lugar das primeiras. Em cada um dos casos, a nova expressão, deve conter uma informação oposta – ou que em algum sentido esteja em oposição – a primeira.

6. Repetem-se os passos 2, 3 e 4, usando a nova expressão.

Relato de experimentação do exercício: Recodificando os memes

Local – Centro de Referência da Juventude (CRJ), Capão do Leão, 2017

Este exercício foi realizado para uma turma de dez jovens, que participam das oficinas de T.O. no CRJ em Capão do Leão. Oficinas realizadas por mim, às vezes em colaboração com outros colegas, representando o projeto de extensão TOCO. Desses jovens, a maior parte já vinha frequentando as oficinas há alguns meses, de forma que eu já havia feito uma pequena aula expositiva e uma discussão em roda, quando falamos sobre memética. Expliquei resumidamente a eles o propósito para o qual realizaríamos alguns jogos e exercícios envolvendo memes, que seriam criados e propostos para gerar material de pesquisa para o presente trabalho.

Nas duas oficinas que antecederam esta, os participantes fizeram seus primeiros experimentos com cenas de teatro fórum.

Primeiramente cada um relatou em um papel uma situação de opressão. Esses papéis foram deixados em um copo para serem usados no momento de criar as cenas. Realizou-se um breve alongamento, e depois separamos a turma em três pequenos grupos. Cada grupo sorteou um dos papéis deixados no copo para servir de ponto de partida para criar uma cena fórum.

Como resultado, as temáticas que emergiram nas cenas criadas pelos três grupos foram: intolerância envolvendo religiões; a pressão para abandonar comportamentos infantis; e homofobia. Devido ao curto tempo de duração da oficina, experimentamos no exercício apenas a primeira e a segunda temática.

Depois que cada grupo apresentou sua cena, seguido de reapresentação substituindo o protagonista por um espect-atores (neste caso os próprios colegas que assistiam), discutimos em roda, sobre qual expressão resumiria as situações. No caso da primeira cena, em que um religioso ridicularizava um ateu, a expressão foi “quem não crê em deus vai para o inferno”. No segundo caso, onde na cena um adolescente sofria com ofensas dos colegas por se comportar de forma infantil, o grupo optou pela expressão “deixe de ser criança”.

Dei as instruções de como funcionaria a atividade, e propus um rodizio no qual um grupo assistia e os outros dois jogavam. Durante o exercício percebi que havia um

pouco de “falta de criatividade”, uns esperavam as respostas dos outros para ir “copiando” suas falas. Estimulei eles dizendo que tentassem ser mais criativos do que estavam sendo, e que não escutassem o que o colega estava dizendo ao seu lado, e que se concentrasse em sua própria fala.

Fizemos várias vezes a dinâmica, revezando as duas expressões – hora uma hora outra – entre os três grupos. E na continuidade fizemos outra breve pausa e conversa entre todo o grupo para eleger como seriam expressões que representassem o oposto. Para a primeira o resultado foi “todo mundo vai para o céu”, para a segunda foi “deixe de ser careta”.

Novamente fizemos algumas vezes o jogo usando essas últimas expressões, e para dar término a oficina, fizemos uma roda onde avaliamos os resultados da atividade.

Além do que pude constatar pela observação durante a oficina, como por exemplo, a dificuldade em ser original, que resulta em “copiar” automaticamente falas de colegas, tiveram também alguns relatos finais que foram bastante interessantes.

Dentre eles, um participante disse que sentia um enorme desconforto quando teve que repetir várias vezes a mesma expressão. E essa sensação aumentava ou diminuía conforme o que ele sentia em relação ao que estava dizendo, a frase que mais o desconfortou foi “quem não crê em deus vai para o inferno”.

Outro participante fez uma relação, que eu tampouco tinha percebido, apontando que o que acontecia durante o exercício – de uns imitarem outros de uma forma tão natural (quase inconscientemente) – era a própria comprovação de que a memética faz sentido. O que ele quis dizer é que: se nós às vezes imitamos algum comportamento sem nos darmos conta de que estamos fazendo, e se é provável de que isso aconteça com outras pessoas, então muitas pessoas podem reproduzir o mesmo comportamento, de forma automática e sem questioná-lo.

Será que isto não faria com que o comportamento em questão se difundisse entre uma população, e fosse realizado de forma automatizada numa espécie de plano de fundo? E será que isso já não acontece em algum nível? Afinal, todos nós “queremos um lugar ao sol”, todos nós precisamos arrumar um jeito de “levar a vida” ou “ganhar a vida”.

IX.2. PROPOSTA DE EXERCÍCIO 02: Relação de dominante entre imagens

Depois de realizar o quebra-gelo (dinâmica para descontrair o grupo e despertar a atenção para o jogo), serão dadas as seguintes instruções:

1. Cada participante deve criar uma imagem estática com seu corpo (pose/escultura). É importante que tenha um significado claro e objetivo de cada imagem. Este significado, porém, deve ficar em segredo. Apenas quem cria a imagem sabe o significado real, qual intenção ou sentimento a imagem quer transmitir, e não deve revelá-la para seus colegas.

2. Depois dos participantes criarem e estabelecerem suas imagens corporais, irão caminhar com o corpo neutro ocupando espaço. Quando o ministrante der um sinal – que pode ser uma palma, ou tambor – os participantes, todos ao mesmo tempo, fazem sua imagem durante alguns segundos, e logo seguem caminhando. Esse processo pode repetir-se algumas vezes antes da próxima instrução.

3. Agora os participantes devem variar, imitando as imagens dos colegas nas pausas, intercalando com suas imagens. Em algumas pausas deverá fazer sua imagem, que já deve estar bem memorizada, e em outras imitar a imagem de um dos colegas, que devem ser observadas durante as pausas. É importante que possam experimentar imitar a imagem de todos os colegas.

4. Nesta etapa, a cada sinal os participantes fazem, nas pausas, ou sua imagem ou alguma de que mais gostou. Agora, porém, o grupo todo terá um objetivo em comum: em determinado momento devem estar fazendo todos a mesma imagem. Quando todos estiverem fazendo a mesma imagem o exercício será finalizado.

5. Ao término do exercício (ou ao término da aula) em roda, será feita uma reflexão sobre a imagem dominante. Os participantes (exceto o que criou a imagem dominante) podem cogitar qual o significado da imagem dominante, e comentar sobre sua própria imagem. Por fim, o criador da imagem que acabou tornando-se dominante, revelará seu significado, e o grupo tentará descobrir porque esta imagem se tornou a dominante para o grupo.

Relato de experimentação do exercício – Relação de dominante entre imagens

Local – Centro de Referência da Juventude (CRJ), Capão do Leão, 2018

Começamos a aula com uma massagem em que todos massageavam apenas uma pessoa do grupo, ao som de música relaxante (calma). Demos seguimento com um breve alongamento, que durou cerca de dez minutos. Depois partimos para as caminhadas, utilizando foco, percebendo o próprio corpo, o espaço e os colegas.

Partimos então para o exercício de quebra-gelo, sugerido pelo professor Ney. Neste, os alunos escolhem um local da sala e se põem confortavelmente em uma posição estática. Cada um observa e sente tudo desde seu ponto de vista, e busca imaginar qual sensação e significado essa posição pode lhe proporcionar. Em seguida (depois de sentir por dois ou cinco minutos) irão buscar uma outra região da sala, e outra posição, que seja (represente) o oposto da primeira.

Neste momento, logo após o quebra-gelo, começamos o exercício que estava sendo registrado em vídeo, pelo celular de um dos participantes. Creio que eu tenha me estendido muito nas explicações antes de começar a atividade, isso pode ter sido um ponto negativo, por ter tirado um pouco da espontaneidade e liberdade necessários para gerar desdobramentos diferentes do mesmo exercício.

Quando os alunos-atores começaram a criar suas imagens, alguns estavam bem à vontade, e conseguiram criar imagens diversas com o corpo. Apenas uma moça dentre os participantes – talvez por ser nova no grupo – não conseguiu aproveitar muito as possibilidades de expressão do seu corpo, tinha pouca variação entre as imagens que criava.

Pude perceber que o primeiro instinto de alguns (na primeira etapa, onde deveria criar) foi o de imitar a imagem de outros colegas, o que talvez signifique que estes têm uma maior dificuldade de elaborar, espontaneamente, imagens pensadas com significado (penso que nas próximas experimentações posso primeiro pedir para criar sem significado, e ir alterando a pose gradativamente, até transformar completamente seu corpo). Logo que eu notei essa dificuldade, enfatizei para que criassem imagens 100% originais.

Sinto que todas as etapas houve muitas explicações prévias, atrapalhando um fluxo natural, que poderia ter gerado mais dúvidas sobre a atividade. Isso seria bom, porque poderia analisar depois essas possibilidades. Algumas alterações eu já percebi que podem ser feitas para deixar o jogo mais solto e dinâmico. Como por exemplo, explicar menos a cada etapa, fazer um aquecimento/alongamento mais intenso, e criar cenas com as imagens propostas (isto aconteceu naturalmente na segunda experimentação).

Durante a reflexão final todos falaram das suas imagens, e sobre o sentido/sentimento da imagem que se tornou a dominante. Esta que foi escolhida, era uma posição de sagração, com um dos joelhos no chão e as mãos apoiadas no joelho oposto. Posição que alguns já conheciam porque frequentam também a aula de circo (é a posição que ficam para dar segurança aos colegas no treino acrobático com arco e tecido).

XI. Considerações finais

Ter realizado este trabalho de conclusão de curso gerou em mim muitos mais questionamentos de que certezas. Gerou também em muitos colegas com os quais comentava ou trocava ideias sobre o assunto uma curiosidade interessada (ou pelo menos interessante para mim). O que me fez estar sempre repensando, tanto no caminho por qual realizava-se o estudo, quanto na validade que tinha, seja para o teatro e a capacitação de atores, seja para a educação em um sentido mais amplo.

Traçando estes últimos comentários, percebi que o estudo aqui presente, não se aprofundou tanto na ciência memética como tinha sido previsto. Pretendia-se encontrar durante o percurso, alguns indicativos e hipóteses que poderiam trazer mais clareza e objetividade. No entanto, os achados, mesmo não sendo numerosos, abriram margem para novas possibilidades, e alimentaram mais ainda o meu desejo de fazer experimentos misturando teatro, e conhecimentos científicos.

No entanto, mesmo que não tenha sido feito muito avanço em termos de produção de novos conhecimentos, o objetivo de difundir, e discutir sobre a memética foi cumprido. O assunto “meme” esteve presente entre meu pequeno círculo de amigos, os colegas que participam do projeto TOCO, a turma de jovens do CRJ onde damos oficinas, meus familiares, alguns amigos que me comunico via internet, e também entre algumas pessoas aleatórias com quem falei sobre o tema durante este período. Possivelmente uma centena ou um pouco mais de pessoas me ajudaram a pensar, descartar ideias, e enfim, revolver o raciocínio para tentar dar sentido ao “teatro dos memes”.

Este trabalho não construiu nenhuma certeza, mas vamos nos perguntar: para que serve a certeza? Ou para que serve a certeza em um âmbito educativo? O professor deve sempre ter certeza do que diz e faz? Sinceramente, pensamos que não! Pois se um professor tiver a certeza, de que encontrou a forma ideal de dar uma aula, que serve para todos os seus alunos, essa certeza só vai durar até ele encontrar um aluno para o qual sua formula não sirva.

Tive a sorte de, desde quando comecei a me aventurar em desenvolver oficinas de teatro, sempre ter recebido instruções para criar jogos, brincadeiras e propostas, que se diferenciasssem do original. Em minha opinião, para o professor, vale mais a adrenalina da insegurança de como vai se dar a aula do que a certeza mecanicista de como se dará cada parte do processo.

Com este trabalho obtive clareza sobre uma coisa, é incrível o sentimento de experimentar algo novo quando se está dando aula. Numa proposta de jogo ou exercício que seja criada pelo próprio professor, que não se tem certeza de como vai funcionar, nem de como será o desfecho, tudo é novo. Essa sensação é muito prazerosa, mas só pode ser experimentada por professores que não estiverem agarrados demais à formulas, ou às suas próprias certezas.

Neste sentido, juntando minhas teorias e achados, penso que o professor é responsável, e por isso é necessário tomar cuidado para estar consciente dos memes que pode estar transmitindo (ou replicando) através de suas aulas, conteúdos que expõe, e da forma como o expõe. Precisa estar ciente que por trás de seu comportamento e de seu discurso, podem estar sendo transmitidos “memes” dos quais nem percebemos, e que se perpetuam no “fundo” cultural. Precisa estar atento para não perder sua consciência crítica sobre os assuntos tratados, e ao mesmo tempo precisa flexibilidade para trabalhar com “visões” diferentes.

Acredito ser importante que o educador saiba identificar, quando houverem, crenças limitantes e coroas que podem estar prejudicando o avanço na aprendizagem de seus alunos – o que pode prejudicar o fluxo da aula. Mas principalmente e acima de tudo, como uma condição indispensável ao bom cumprimento do seu papel, é importante que saiba identificar suas próprias coroas ou crenças limitantes, que lhe impedem de progredir na sua tarefa de ensinar. Do contrário, as coroas e crenças podem deixá-lo inerte em sua zona de conforto, podendo resultar num descontentamento com o seu ofício que se tornará monótono e sem aventura.

Penso que o professor pode ser aventureiro e arriscar-se no desconhecido. No livro *Pedagogia da autonomia* Freire diz: “Como professor crítico, sou um “aventureiro” responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente. Nada do que experimentei em minha atividade docente deve necessariamente repetir-se.” (Freire, 1996 p. 21).

Para reflexão: se uma pessoa pergunta “mas então, como vamos viver?”, isso talvez indique que ela não é ou não se sente livre para viver como gostaria. Ou porque ela não consegue abandonar seu antigo modo de vida, ou porque não pode, caso contrário não perguntaria, pois já seria livre e vivendo da forma que bem entendesse.

xii. Manifesto

Qual sua cultura pessoal? Qual história o mundo está encenando em sua opinião? Você está encenando a mesma história do resto do mundo? O objetivo aqui é fazer uma provocação para pensar se temos necessidade de continuar encenando nossa história. Imagine quantas histórias diferentes a humanidade poderia encenar de forma mais harmoniosa que hoje. Quantas culturas será que poderiam existir no mundo de forma diferente que a nossa coexistindo harmoniosamente no mesmo espaço? Eu imagino que muitas! Tantas quantas for capaz ser criadas. Mas quem sou eu para imaginar isso?

Eu sou Régis, um ser humano. Aqui lido, sou na verdade a expressão daquele que disse ser. Eu sou uma voz que se manifesta através de um canal, um aparelho transmissor vivo que pode codificar e decodificar linguagens por meio de símbolos e signos. Mas vou escrever brevemente sobre este canal que se apresenta como um Eu personalizado e identificado no mundo com o nome de Régis.

Sou ator de teatro e cinema, há algum tempo já dou oficinas de teatro. Já participei de mais de cinco grupos, dentre eles um profissional, de circo e teatro em Pelotas, onde obtive o registro como ator profissional. Lá, participei de um espetáculo infantil que circulou pelo Brasil fazendo mais de 50 apresentações, além de dar aulas de teatro para as crianças do grupo.

Quando esta experiência em grupo profissional entrou em choque com minha vida acadêmica, e quando nosso espetáculo encerrou suas últimas apresentações sem previsão de retorno, passei a me dedicar exclusivamente à universidade. E no projeto TOCO, conheci aquela que acredito ser a “fórmula” mais política da arte, que veio ao encontro de muitos dos ideais que vim formulando durante minha vida.

Acredito no poder da democracia, para mudar as estruturas sociais vigentes, oferecendo abundância para TODA a população mundial, sem distinção de nenhum tipo, nem mesmo a do mérito. Acredito que assim como nas leis da natureza, se lhe dão o necessário para crescer, então irás crescer. Porém o crescimento necessário ao mundo acredito ser o da consciência, que se assemelha ao crescimento espiritual.

E para isso, é preciso oferecer TUDO: acesso ao conhecimento e a boa educação, alimentação básica e moradia, e com isso a saúde e a segurança já estariam garantidas. Pois o ser humano que tiver tudo, por natural se tornará otimista e de boa vontade, devolverá ao mundo TUDO: conhecimento, tempo de vida para empreendimentos... enfim, toda a sua energia e apoio.

O mundo já cresceu o suficiente em matéria, e o processo de expansão nesse sentido já não é mais necessário. A humanidade já desenvolveu um nível tecnológico capaz de oferecer sustento de qualidade a baixos custos para toda a sua população. O pensamento contrário a isso é uma crença limitante. O progresso tecnológico não servirá mais ao mercado e à exploração, mas sim para a mudança da “visão” e para garantir a abundância. Isso será feito quando a maioria da população da nossa espécie, deixar de encenar a história atual para encenar outras histórias.

O maior embasamento para afirmar. A obra de Daniel Quinn nos sugere que é possível o ser humano encenar outras histórias. A tese é que o primeiro meme agressivo da nossa cultura foi a propriedade privada – que surgiu em outras culturas mas perpetuou-se apenas na nossa. O segundo meme foi o controle total do alimento e a produção de excedentes, que resultou no aumento da população e na separação do trabalho burocrático do manufaturado. O terceiro meme foi devido ao excesso de população: a criação e manutenção de exércitos permanentes, que possibilitou a conquista de territórios e ao mesmo tempo o controle da população. Em seguida vieram outros como a revolução agrícola, o cristianismo, o capitalismo, as revoluções industriais, dentre outros, até chegar em nossos memes atuais: i-fone, startups, i-food, Facebook, Instagram, etc.

E como o mundo muda? Acredito que ele muda a partir do indivíduo. Isso se explica na metafísica porque sendo parte criador do seu mundo, mudando a sua realidade interior e sua “visão” de mundo, a realidade externa do indivíduo, ou seja, o mundo em si, acompanhará sua mudança. Também que se o indivíduo muda seus memes, combatendo os indesejáveis por meio da escolha consciente, e vai aos poucos destruindo suas coroas e abandonando suas crenças limitantes, ele afetará positivamente outras pessoas. Pelo seu exemplo, e pelo simples fato de se manter positivo e acreditar no potencial de mudança de seus semelhantes, será uma fonte de inspiração, criatividade, e confiança de que a verdadeira transformação é possível e está mais próxima de que podemos imaginar.

Parto do princípio de que a escolha consciente de TUDO, sobretudo as coisas que definem a vida, criará um mundo com mais satisfação e boa vontade e muito menos sofrimento que hoje. Mudar a “visão” do mundo proporcionado mais abundância e menos exploração, será o início de uma transformação mundial.

O ser humano já encenou histórias diversas, e a prova empírica de que o mundo pode mudar, é o fato de ele estar sendo hoje da forma que o vemos. Nossa espécie não é o que nos imaginamos nem de perto. Não temos ideia do verdadeiro potencial que podemos ter. O humano é um animal que faz parte da comunidade da vida, e a sociedade do capital fez da massa humana uma aberração sem forma, artificial e à mercê de qualquer outdoor, vinheta, comercial, panfleto, que lhe prometa felicidade a preços razoáveis, mas a custo real da infelicidade.

Olhe para as formas na natureza, todas são belas e muito bem definidas. O ser humano tem a capacidade de viver bem, de forma digna e harmoniosa, mas nossa cultura não o permite. Veja os animais em sua natureza selvagem, como têm um porte quase impecável, na verdade uma postura muito altiva que expressa na maior parte do tempo, confiança e segurança.

Nossa espécie vem há muito tempo criando uma realidade triste e com muito sofrimento para seus semelhantes. Isso deixa o espírito e sua aura cada vez mais pesada. Todo ser deve ter abundância em todas os setores de sua vida, e assim crescer em consciência, para dar seu apoio e energia para a manutenção da vida em abundância.

A riqueza material individual, e a falsa sensação de segurança, apenas tornam os humanos solitários, sem poder contar uns com os outros e ao mesmo tempo impedidos de ajudar o próximo. Isto porque se fossem benevolentes demais deixariam de estimular a busca pela riqueza material. A abundância é vista como uma propriedade dos ricos ou afortunados. O cidadão menos privilegiado, com menor poder aquisitivo, prima muitas vezes por um estilo de vida o mais aproximado possível da deste “rico”. E é enganado, pois a visão que tem do rico é a da pessoa que esbanja porque tem em abundância. Na verdade, o que acontece é o contrário. O rico não esbanja, e pode não viver em abundância. Há muitos “falsos” ricos, que sofrem por perderem status, trocar o carro por um modelo de qualidade ou valor inferior, etc.

A verdade é que se você está receptivo, está aberto à mudança, e atento a sua natureza e essência espiritual que busca o crescimento da consciência, você terá muitas oportunidades de mudar sua “visão” e fazer parte da transformação da realidade. Uma vez um senhor me pediu esmola e neguei, no que ele falou: – “Tua moeda vale mais que minha miséria!” – Imediatamente eu retornei, botei a mão no bolso e dei-lhe todas as moedas que tinha comigo naquele momento. O convite à mudança está presente no dia a dia, é só estar atento e propício ao bem.

Mais de uma vez já afirmei para alguma pessoa que poderíamos viver num novo sistema, onde não precisaria de dinheiro e nem de emprego, sendo necessário apenas algumas poucas horas de trabalho diário. E mais de uma vez ouvi como resposta o seguinte: – “Mas o que vamos fazer em vez de trabalhar?” – Como se não ser obrigado a trabalhar de forma (des)humana fosse um problema dessa proposta.

O mundo funciona hoje com um sistema que nos transmite uma falsa visão de escassez e falta, que se mantém viva pelo estímulo do medo da mudança, da fobia social, e alienação, que alimenta mais ainda essa visão. Nossa cultura diz que o modelo ideal de cultura para a humanidade surgiu e aprimorou-se nas regiões entre oriente médio e nordeste da África (regiões do crescente fértil), e a história contada pelos primeiros filósofos diz que o homem é mau por natureza.

Mas a boa nova é que é improvável que exista uma cultura – única – ideal e que sirva para todos os seres humanos. Culturas surgiam em todas as regiões da terra ao mesmo tempo, e lá foi apenas uma cultura, onde surgiram memes agressivos. Esses memes podem até ter contribuído para o crescimento material e o progresso tecnológico, mas hoje já podem ser abandonados sem perigo, para acontecer a evolução da nossa cultura, e sua abertura ao multiculturalismo.

Espero que este manifesto inspire uma busca de mudança pessoal daqueles que ainda não vivem em abundância, e a transmissão da ideia de mudança da “visão” da humanidade sobre ela mesma e sobre sua realidade.

E você, em que acredita? Está pronto para ser um canal para a mudança e a transformação? Quer ser um ator social e participar da construção de uma de nova história da humanidade?

A arte imita a vida, mas não fica por aí, ela rasga o véu da realidade através dos tempos e revela ao humano novas possibilidades de visão. Meu propósito e missão de vida é mudar visão, isto reflete, ganha vida e se reforça na minha arte. E você vai ficar por aí... ou acredita numa nova visão? Será que a humanidade está pronta para encenar outra história?

XIII. Referências Bibliográficas

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

_____. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005. Edição revista.

_____. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. Oxford: Oxford University Press, 1976. (http://www2.unifap.br/alexandresantiago/files/2014/05/Richard_Dawkins_O_Gene_Egoista.pdf)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERHARDT, Tatiana; SILVEIRA, Denise. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

LOUSIER, Michael J. **A lei da atração: o segredo colocado em prática**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

QUINN, Daniel. **Ismael**. Nova Iorque: Bantam/Turner Books, 1992

_____. **Além da civilização**. Nova Iorque: Harmony Books, 1999.

_____. **A história de B**. São Paulo: Fundação Períópolis, 2000.